

Campanha não chegou aos camarins

ANDREA DOTI

O primeiro ato da campanha pela sucessão do Presidente José Sarney vem acomodando no cenário político um cabo eleitoral muito especial: o artista brasileiro. Um dos protagonistas da campanha pelas eleições diretas em 1984, este personagem não está disposto, desta vez, a estrelar nos palanques. Alvo de "cantadas" eleitorais, a maioria ainda não escolheu seu candidato e espera, com paciência, o desenvolvimento das candidaturas antes de encampar qualquer preferência.

Tocada em banho-maria, a campanha pelo Palácio do Planalto não conseguiu mobilizar tradicionais "puxadores" de votos, como Milton Nascimento, Caetano Veloso e Chico Buarque, que abriu as portas de sua casa aos vários concorrentes de esquerda com o cuidado de não anunciar sua preferência. No elenco dos sem-candidato estão também Renata Sorrah, Mayara Magri, Monique Evans, Xuxa, Denise Milfont, Elba Ramalho, Eliseth Cardoso, Fernanda Torres e Ney Latorraca.

A influência na formação da opinião pública e a falta de confiança no cast de candidatos têm sido determinantes para a cautela dos artistas. Fernanda Torres aposta na eficiência do ator enquanto passaporte de entrada do político na sociedade e, por achar que todos têm o mesmo script, não vai trabalhar para nenhum partido. Ney Latorraca destacou a responsabilidade da atuação em campanhas eleitorais lembrando que, se anunciar o nome de algum dos postulantes diante de seu público diário de 700 pessoas, será capaz de reverter, pelo menos, 10% em votos.

Sérgio Brito, eleitor de Lula (PT) que pensa em dar seu voto para Mário Covas (PSDB), não é adepto dos que acreditam no poder do artista de "fazer a cabeça" de sua platéia. Ele acha que quando o ator posa ao lado de um candidato está apenas ajudando a sua afirmação junto às prefe-

rências do eleitorado e não determinando o seu sucesso. No mesmo time, Regina Duarte, que não esconde a opção por Covas, recordou atuação em campanhas vitoriosas e fracassadas:

— Quando decido meu voto e me coloco à disposição do candidato é como eleitora, cidadã, e não como atriz — diferenciou Regina.

Leonel Brizola (PDT), Roberto Freire (PCB), Luís Inácio Lula da Silva (PT), Mário Covas (PSDB) e Fernando Collor de Mello (PRN) são os recordistas em simpatia no rol dos camarins. A aproximação das eleições e a necessidade de se posicionar têm deixado a classe em situações curiosas, como a que vive hoje a cantora Elba Ramalho. Depois de se envolver em um contrato de shows para Collor, não sabe se vota nele, em Brizola, em Lula ou em Covas.

Elba não está sozinha. Renata Sorrah se divide entre Lula, Covas e Roberto Freire, enquanto Denise Milfont embarça-se em Covas, Freire e Brizola. A variedade de opções levou Lúcia Veríssimo a se livrar do problema pedindo para não falar sobre o assunto. Paulo Gracindo, que conheceu de perto a política tendo sido candidato a Vereador pela UDN, em 50, adotou outra estratégia: já escolheu seu candidato mas não revela para ninguém.

Ao lado de Gilberto Gil, Beth Carvalho, João Nogueira e Jards Macalé, Alceu Valença decidiu votar em Brizola. Ivon Curi era Aureliano Chaves (PFL), mas como não avistou chances de vitória preferiu Collor de Mello, como Cláudia Raia e Alexandre Frota. Sérgio Brito desanimou-se com a performance de Lula e se juntou a Lima Duarte e Regina Duarte, eleitores de Mário Covas. Lula, contudo, pode contar com Louise Cardoso, Osmar Prado, Paulo Betti, Cristina Pereira e José Wilker. Os coordenadores da campanha de Roberto Freire apontam como reforço Gracindo Júnior — que manifestou apenas intenção de voto —, Raul Cortéz, Mário Lago, Stephan Nercesian e Paulinho da Viola.